



O Servo de Deus **JOSEMARÍA**  
**ESCRIVÁ DE BALAGUER**  
Fundador do Opus Dei

VICE-POSTULAÇÃO DO OPUS DEI NO BRASIL, Rua João Cachoeira, 1496, CEP 04535,  
São Paulo, SP.

Esta FOLHA INFORMATIVA publica-se com censura eclesiástica

FOLHA INFORMATIVA N°3 SÃO PAULO

Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer y Albás nasceu em Barbastro (Espanha) no dia 9 de janeiro de 1902. Fez o secundário em Barbastro e Logroño, e os estudos eclesiásticos na Universidade Pontifícia de Saragoça, onde se licenciou em Sagrada Teologia. Mais tarde, em Roma, obteria o grau de Doutor.

Fez o curso de Direito civil na Universidade de Saragoça, e depois doutorou-se na Universidade de Madrid. Em 1960, recebeu o grau de Doutor honoris causa em Filosofia e Letras, pela Universidade de Saragoça. Foi o primeiro Grão-Chanceler das Universidades de Navarra, na Espanha, e de Piura, no Peru.

Ordenado sacerdote no dia 28 de março de 1925, iniciou a sua atividade pastoral em paróquias rurais e, desde 1927, entre os pobres e enfermos dos subúrbios e dos hospitais de Madrid. Alguns anos mais tarde, foi nomeado Reitor do Real Patronato de Santa Isabel, também em Madrid, cargo que desempenhou até 1946, ano em que transferiu a sua residência para Roma.

Foi Consultor de diversas Comissões Pontifícias e Congregações da Santa Sé, Prelado Doméstico de Sua Santidade e membro da Pontifícia Academia Romana de Teologia.

A 2 de outubro de 1928, em Madrid, tinha fundado o Opus Dei, caminho de santificação no meio do mundo e fermento de intensa vida cristã em todos os ambientes. Em 14 de fevereiro de 1930, Mons. Escrivá de Balaguer fundou a Secção feminina do Opus Dei; e em 14 de fevereiro de 1943, dentro do Opus Dei, a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz. O Opus Dei recebeu a aprovação definitiva da Santa Sé em 16 de junho de 1950.

Com oração e penitência constantes, e com uma dedicação contínua e incondicional à Vontade de Deus, o Padre — como o chamam suas filhas e seus filhos, e outros muitos milhares de pessoas de todas as condições — impulsionou e guiou a expansão do Opus Dei por todo o mundo, ao longo de quarenta e sete anos. Quando seu Fundador entregou a alma a Deus, o Opus Dei estava já estendido pelos cinco continentes e contava com mais de 60.000 sócios de 80 nacionalidades.

A Santa Missa era a raiz e o centro da vida interior do Fundador do Opus Dei. O profundo sentido da sua filiação divina levava-o a procurar em tudo a mais completa identificação com Jesus Cristo, a viver uma terna e forte devoção à Santíssima Virgem e a São José, a cultivar um trato habitual e confiante com os Santos Anjos da Guarda, e a ser semeador de paz e de alegria por todos os caminhos da terra.

Mons. Escrivá de Balaguer tinha oferecido repetidas vezes a sua vida pela Igreja e pelo Romano Pontífice. O Senhor acolheu esse oferecimento, e o Padre entregou santamente a sua alma a Deus, em Roma, no dia 26 de junho de 1975, no seu quarto de trabalho, com a mesma simplicidade que caracterizou toda a sua existência.

Seu corpo repousa na Cripta do Oratório de Santa Maria da Paz — Viale Bruno Buozzi 75, Roma —, continuamente acompanhado pela oração e pelo agradecimento de suas filhas e seus filhos, e de inúmeras pessoas que se aproximaram de Deus, atraídas pelo exemplo e pelos ensinamentos do Fundador do Opus Dei.

Capa: Mons. Escrivá falando de Deus no teatro Coliseu de Buenos Aires, em 23 de junho de 1974, durante a sua catequese na Argentina.

## À procura de Deus no trabalho cotidiano

O exemplo de Mons. Josemaría Escrivá,  
num artigo do Cardeal Luciani

*Um mês antes de ser elevado  
à Cátedra de São Pedro  
com o nome de João Paulo I,  
o Patriarca de Veneza publicou um artigo  
em II Gazzettino (25-VII-78)  
sobre o espírito e o exemplo  
do Servo de Deus Josemaría Escrivá.  
Em veneração e memória  
do falecido Romano Pontífice,  
oferecemos algumas passagens desse artigo.*

Em 1941, o espanhol Victor García Hoz, depois de confessar-se, ouviu o sacerdote dizer-lhe: **Deus te chama por caminhos de contemplação.** Ficou desconcertado. Sempre ouvira dizer que a *contemplação* era coisa de santos que andam pelos caminhos da vida mística, e que somente a alcançavam alguns eleitos, que, aliás, se afastavam do mundo. *Mas eu* — escreve García Hoz — *naqueles anos já era casado, tinha dois ou três filhos e estava à espera de ter mais, como realmente aconteceu, e trabalhava para sustentar a família.*

Quem era esse confessor revolucionário que pulava por cima das barreiras tradicionais e propunha metas místicas até para os casados? Era Josemaría Escrivá de Balaguer, sacerdote espanhol, falecido em Roma em 1975, aos 73 anos de idade. É conhecido sobretudo por ser o Fundador do Opus Dei. (...) O que na realidade são e fazem os sócios do Opus Dei, foi o próprio Fundador quem o disse:

Somos — declarou em 1967 — **uma pequena percentagem de sacerdotes, que anteriormente exerciam uma profissão ou um ofício laical; um grande número de sacerdotes seculares de muitas dioceses do mundo (...); uma grande multidão formada por homens e por mulheres — de diversas nações, línguas e raças — que vivem do seu trabalho profissional, casados a maior parte deles, solteiros muitos outros, e que, ao lado de seus concida-**

dãos, tomam parte na grave tarefa de tornar mais humana e mais justa a sociedade temporal: na nobre lide dos afãs diários, com responsabilidade pessoal, experimentando com os outros homens, lado a lado, êxitos e malogros, tratando de cumprir seus deveres e de exercer seus direitos sociais e cívicos. E tudo com naturalidade, como qualquer cristão consciente, sem mentalidade de gente seleta, fundidos na massa de seus colegas, enquanto procuram descobrir os fulgores divinos que reverberam nas realidades mais vulgares.

Com palavras simples, as realidades vulgares são o trabalho que temos de realizar todos os dias; os fulgores divinos que reverberam são a vida santa que devemos levar. Escrivá de Balaguer, com o Evangelho, disse continuamente: Cristo não quer de nós somente um pouco de santidade, mas muita santidade. Quer, porém, que a alcancemos, não através de ações extraordinárias, mas com ações comuns; o modo de executar as ações é que deve ser incomum. É lá, bem no meio da rua, no escritório, na fábrica, que nos tornamos santos, desde que cumpramos o nosso dever com competência, por amor de Deus e com alegria, de forma que o trabalho cotidiano não se torne a *tragédia cotidiana*, mas o *sorriso cotidiano*.



Meus filhos, aí onde estão os vossos irmãos os homens, aí onde estão as vossas aspirações, o vosso trabalho, os vossos amores — aí está o lugar do vosso encontro cotidiano com Cristo. Em meio das coisas mais materiais da terra é que nós devemos santificar-nos, servindo a Deus e a todos os homens.

(*Questões Atuais do Cristianismo*, n.º 113)

Coisas semelhantes haviam sido ensinadas há mais de trezentos anos por São Francisco de Sales.(...) Mas Escrivá de Balaguer ultrapassa Francisco de Sales em muitos aspectos. Também este propunha a santidade para todos, mas parece ensinar somente uma *espiritualidade dos leigos*, ao passo que Escrivá quer uma *espiritualidade laical*. Isto é, Francisco sugere quase sempre aos leigos os mesmos meios utilizados pelos religiosos, com as devidas adaptações. Escrivá é mais radical: fala inclusive de **materializar** — no bom sentido — a santificação. Para ele, é o próprio trabalho material que se deve transformar em oração e santidade.

O lendário barão de Münchhausen tecia fantasias a respeito de uma lebre *monstruosa*, provida de uma dupla série de patas: quatro debaixo do ventre e quatro sobre o dorso. Perseguida pelos caçadores e percebendo que estava prestes a ser apanhada, dava uma cambalhota e continuava a correr com as patas descansadas. Para o Fundador do Opus Dei, é um *monstro* a vida do cristão que pretenda ter uma dupla série de ações: uma constituída por orações dedicadas a Deus, e outra composta de trabalho, divertimentos, vida familiar, dedicados a si mesmo. Não — diz Escrivá —, a vida é única e deve ser santificada como um todo. Por isso nos fala de espiritualidade *materia-lizada*.(...)

Como é que o trabalho pode ser *de Deus* — pergunta Escrivá —, se é mal feito, com pressa e sem competência? Como é que pode ser santo um pedreiro, um arquiteto, um médico, um professor, se não é também, na medida das suas possibilidades, um bom pedreiro, um bom arquiteto, um bom médico, um bom professor? Nesta mesma linha escrevia Gilson em 1949: *Dizem-nos que foi a fé que construiu as catedrais da Idade Média; de acordo... mas foi também a geometria*. Fé e geometria, fé e trabalho desempenhado com competência, para Escrivá, caminham de braço dado: são as duas asas da santidade.

---

Fazei tudo por Amor. Assim não há coisas pequenas: tudo é grande. — A perseverança nas pequenas coisas, por Amor, é heroísmo.

(*Caminho*, n. 813)

---

Persevera no cumprimento exato das obrigações de agora. — Esse trabalho — humilde, monótono, pequeno — é oração plasmada em obras, que te dispõe a receber a graça do outro trabalho — grande, vasto e profundo — com que estás sonhando.

(*Caminho*, n. 825)

## Sacerdote nos hospitais de Madrid

Em 1931, D. Josemaría Escrivá — a quem, três anos antes, o Senhor havia confiado a semente de uma missão universal — era um sacerdote que ainda não tinha feito trinta anos.

No mês de setembro, pediram-lhe que se encarregasse da capelania das freiras Agostinianas Recoletas do Patronato Real de Santa Isabel, de que viria a ser Reitor um pouco mais tarde. O novo cargo pastoral permitia-lhe dispor de mais tempo para se dedicar intensamente à sua vocação específica, ao cumprimento daquela vontade de Deus que Mons. Escrivá definia assim, para os seus filhos: **fazer o Opus Dei na terra, sendo tu mesmo Opus Dei.**

Tinha-se passado já quase um lustro, e havia vários grupos de pessoas, de todos os ambientes da Madrid de então, que se reuniam ao seu redor: talvez não fossem muito numerosos, mas constituíam aquele começo de que D. Josemaría falará em *Caminho*: **“Não julgues nada pela pequenez dos começos. Uma vez fizeram-me notar que não se distinguem pelo tamanho as sementes que darão ervas anuais das que vão produzir árvores centenárias (*Caminho*, n. 820).**

Aqueles universitários, empregados e operários vão adquirindo consciência de suas responsabilidades cristãs: têm que ser *sal e luz* no lugar onde

Deus os quer, onde se desenvolve a sua vida e o seu trabalho.

D. Josemaría veio a saber do estado em que se encontrava o Hospital Geral. Era um edifício imenso, situado na mesma rua da igreja de Santa Isabel. O Servo de Deus, que havia consumido muitas jornadas na atenção aos enfermos desamparados, viu imediatamente a possibilidade de prestar alguma ajuda também aos doentes deste Hospital, e considerou ainda que esse serviço seria um grande meio de formação para os rapazes que o rodeavam. Aspirava a que as almas de todos os que estavam em seu redor aprofundassem nas verdades fundamentais da fé. Não queria que ficassem numa afirmação teórica dos valores cristãos, mas que entendessem o sentido sobrenatural da vida real, concreta, com suas dores e suas alegrias. Sabia, por longa experiência própria, até que ponto o contacto com a doença e com a dor ajuda a descobrir a realidade profunda de cada coisa ou acontecimento: esse contacto com o sofrimento dá lugar na alma ao esquecimento de si mesma, faz perceber com força a grandeza dos ideais cristãos e estimula à entrega generosa aos outros.

Por um longo período de tempo, durante muitas tardes, passava pelo Hospital Geral com grupos de rapazes, de sacerdotes, de artesãos, etc. O serviço exigia delicadeza e abnegação. As



*Fachada do antigo Hospital Geral de Madrid, nos anos trinta. Divisa-se ao fundo a igreja do Patronato de Santa Isabel, de que foi Reitor o Servo de Deus.*

salas e os corredores do Hospital estavam repletos de doentes, numas condições sanitárias que deixavam bastante a desejar. Por outro lado, o ambiente era duro e hostil: a pouca formação e a contínua propaganda anticatólica levavam a maioria dos pacientes a ver no sacerdote — ou no simples cristão — um inimigo. Era necessário vencer a desconfiança com carinho e amabilidade, desfazer os preconceitos e levantar o ânimo daqueles doentes, levando-lhes um pouco de alegria.

Naqueles primeiros anos do Opus Dei, ia eu com irmãos vossos aos hospitais de Madrid, e conversávamos com os doentes: nós lhes fazíamos as camas, lavávamos os pés, cortávamos as unhas — perdoai-me estes detalhes —, e os penteávamos. Dizíamos-lhes umas palavras de carinho...

Devagar, como que saboreando a evocação, contou certa vez: **Lembro-me — posso falar dele, porque já está no Céu há muitos anos — de uma pessoa de uma família conhecida, um dos primeiros daquela época, dos primeiríssimos anos do Opus Dei, que pegou um vaso sanitário — era de um tuberculoso e estava...! —. Eu lhe disse: vamos, limpa-o! E depois fiquei com um pouco de pena, por aquela cara de nojo que tinha posto. Fui atrás dele (...), e vi-o com uma cara maravilhosa de céu, limpando com toda a mão.**

Tendo presente este episódio, Mons. Escrivá, como é do conhecimento de muitos, escreveu um ponto de meditação: **Não é verdade, Senhor, que Te dava grande consolação a “sutileza” daquele homenzarrão com alma de criança que, ao sentir o desconcerto que produz obedecer em coisas desagradáveis e em si repugnantes, Te dizia baixinho: “Jesus, que eu faça boa cara!”?** (*Caminho*, n. 626).

Noutro dia, nesse mesmo Hospital Geral, apontaram-lhe a cama de um doente: *Esse homem está à beira da morte. Já não há nada a fazer.* Era um cigano, de feições azeitonadas, que tinha recebido uma punhalada numa briga: **Procurei que nos deixassem a sós (...).** Disse umas palavrinhas ao cigano, e ele se comoveu. Avisei-o também de que estava morrendo, e quis confessar-se. Depois, quando lhe cheguei o crucifixo para que o beijasse, dizia-me aos gritos, sem que eu pudesse fazê-lo calar-se:

— *Com esta minha boca podre, não posso beijar o Senhor.*

— **Mas se daqui a pouco vais dar-lhe um abraço — disse-lhe — e um beijo muito forte no Céu!**

Mons. Escrivá nunca mais esquecerá esta exclamação do cigano: **Já vistes maneira mais maravilhosamente tremenda de manifestar a contrição?** Depois, uma vez ou outra, também o disse eu, a sós, sem elevar a voz: **com esta minha boca podre, não te posso beijar, Senhor. Aprendi com um cigano moribundo a fazer um ato de contrição.**

Quando terminavam aquelas visitas ao Hospital Geral, D. Josemaría Escrivá caminhava às vezes com os rapazes pelo passeio do Prado ou dos Recoletos. Em conversa tranqüila, o Fundador do Opus Dei conseguia que as horas passadas nas salas do hospital desembocassem, no interior daquelas almas, em conclusões e propósitos que tivessem influência real na vida deles e na dos seus amigos. Não concebia o cristianismo sem uma caridade viva e operativa, sem que se estivesse perto da Cruz com heroísmo.

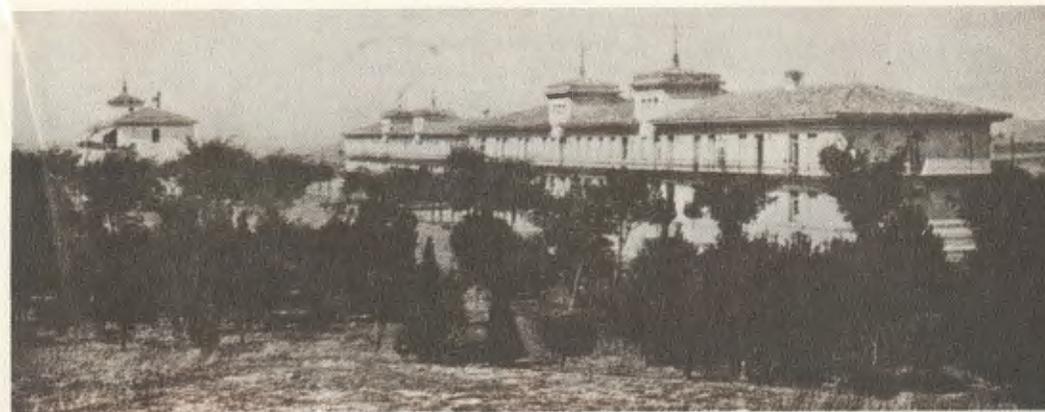
Para D. Josemaría, a atenção aos doentes não se limitava a umas horas semanais ou a uns centros determinados. Mal ficava sabendo de uma pessoa que sofria, procurava-a logo, para animá-la com palavras de consolo e prestar-lhe assistência sacerdotal.

Anos mais tarde, evocava de vez em quando esses momentos tocantes junto aos doentes, em que encontrara a fortaleza necessária para horas difíceis e decisivas. Um dia, um universitário perguntou-lhe pelo ponto 208 de *Caminho*. **Não o sei de cor, mas há uma frase que diz:** Bendita seja a dor, amada seja a dor, santificada seja a dor, glorificada seja a dor. **Lembras-te? Escrevi isso num hospital, à cabeceira de uma moribunda a quem acabava de administrar a Extrema-Unção. Sentia uma inveja louca! Aquela mulher tinha tido uma grande posição econômica e social na vida, e estava ali,**

**num catre de um hospital, moribunda e só, sem outra companhia além da que eu lhe podia fazer naquele momento, até que morreu. E ela repetia, saboreando, feliz!:** Bendita seja a dor — tinha todas as dores morais e todas as dores físicas —, amada seja a dor, santificada seja a dor, glorificada seja a dor!

O Hospital da Princesa era outro centro de beneficência sanitária da época, situado no Largo de São Bernardo. Um dos médicos internos, que ali trabalhava, lembra-o agora: “Desde o dia em que me apresentaram ao Padre, via-o com muita freqüência pelas manhãs no Hospital, em torno dos anos 1933-34. Ia de sala em sala, falando com os doentes, confessava e dava a Comunhão, com um carinho e uma simpatia que encantavam os enfermeiros e os doentes (...). Não temia o contágio, embora em todas as salas em que entrava houvesse doentes contagiosos; mais de uma vez o avisaram do perigo que corria no contacto com os doentes, mas sempre respondia, com simpatia e sorrindo, que estava imunizado contra todas as doenças”.

Também freqüentou o Hospital del Rey que, naqueles anos da segunda República espanhola, se chamava Hospital Nacional. Era possivelmente o hospital mais moderno de Madrid, e destinava-se aos que tinham doenças infecciosas. Era grande o número de pessoas que sofriam de tuberculose, uma doença incurável na época. Uma Filha da Caridade guarda na memória a imagem de Mons. Escrivá: “Ainda me lembro nitidamente de quando D. Josemaría nos falava de Deus, a propósito de qualquer coisa (...), e dizia o mesmo aos doentes (...). Recordo-me de algumas doentes ainda jovens, tuberculosas, que recuperavam inclusive a alegria humana, embora soubessem que estavam para morrer (...). Com-



*Hospital del Rey (Madrid), depois da sua inauguração em 1925.*

preendo que, mais tarde, muitas pessoas tenham entendido o espírito de D. Josemaría e seguido a sua doutrina na Opus Dei”.

Também a irmã Engrácia Echeverría, que então era Superiora da comunidade do Hospital del Rey, pôde escrever antes de que Deus a chamasse à sua presença, já muito avançada em idade: “D. Josemaría Escrivá era a alma do grupo de sacerdotes daquela época. E viu-se sempre que era enormemente apostólico. Em meu entender, era um verdadeiro santo (...). Muito valente, naqueles momentos em que era precisa coragem e prudência para impor-se a tanta oposição (...). Era muito, muito trabalhador (...). Vi, além disso, que todo o seu espírito era atender a alma do doente. Que a alma do doente nunca ficasse sem ser assistida até o final”.

Em 13 de setembro de 1933, faleceu no Hospital del Rey Maria Ignácia G. Escobar, a primeira associada do Opus Dei que o Senhor quis levar para junto de Si. Conservam-se uns pequenos cadernos com o diário de seus pensamentos. No estilo próprio da época, conta o testemunho da oração daquelas mulheres, doentes ou desenganadas, que tinha por companheiras. Umas ve-

zes era uma operação da garganta, outras a tosse, ou simplesmente a falta de apetite, o que ofereciam pela intenção daquele sacerdote que era **mendigo de orações**, porque essa intenção — diz textualmente Maria Ignácia — “precisa de orações e sacrifícios, agora, amanhã e sempre”.

Mons. Escrivá aludirá muitas vezes à fortaleza que encontrou naqueles longínquos começos do Opus Dei:

**Havia um sacerdote que tinha vinte e seis anos, a graça de Deus, bom humor e nada mais. Não possuía virtudes nem dinheiro. E devia fazer o Opus Dei. . . E sabes como é que pôde? Pelos hospitais. Aquele Hospital Geral de Madrid, carregado de doentes, paupérrimos, com aqueles largados pelos corredores, porque não havia leitos. Aquele Hospital del Rey, onde só havia tuberculosos, e então a tuberculose não se curava. . . E essas foram as armas para vencer! E esse foi o tesouro para pagar! E essa foi a força para ir em frente! (. . .) E o Senhor nos levou por todo o mundo, e estamos na Europa, na Ásia, na África, na América e na Oceania, graças aos doentes, que são um tesouro. . .**

Com a sua fidelidade heróica à Vontade divina, com oração e mortificação incessantes, e com um trabalho cheio de esperança a serviço da sua missão, Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer inspirou e dirigiu, durante 47 anos, o desenvolvimento apostólico do Opus Dei em todo o mundo.

A principal tarefa da Obra é a formação dos seus sócios para que cada um realize, individualmente, o seu trabalho apostólico de cristão no mundo e na sociedade.

... o apostolado essencial do Opus Dei — são palavras do seu Fundador — é o que cada sócio realiza individualmente no lugar em que trabalha, com sua família, entre seus amigos. Uma atividade que não chama a atenção, que não é fácil de traduzir em estatísticas, mas que produz frutos de santidade em milhares de almas, que vão seguindo a Cristo, silenciosa e eficazmente, no meio da atividade profissional de todos os dias (Questões Atuais do Cristianismo, n.º 71).

No entanto, tal como ele mesmo respondia à pergunta de um jornalista: Além disso, o Opus Dei, como corporação, promove, com o concurso de um grande número de pessoas que não estão associadas à Obra — e que muitas vezes não são cristãs —, trabalhos corporativos, com que procura contribuir para a resolução dos problemas que o mundo atual enfrenta: centros educativos, assistenciais, de promoção e capacitação profissional, etc. (Questões Atuais do Cristianismo, n.º 84).

Aqui iremos recordando, de forma necessariamente breve, algumas das muitas obras apostólicas, com as mais diversas características, conforme as necessidades do lugar ou do momento, que nasceram sob o impulso espiritual do Fundador do Opus Dei.

## Montefalco

México

Faz já bastantes anos que visitei Montefalco pela primeira vez, como arquiteto, a fim de estudar as possibilidades que essa antiga fazenda oferecia para desenvolver uma atividade apostólica e social entre os camponeses da região.

Depois de percorrer uma centena de quilômetros por uma estrada asfaltada que partia da cidade do México, atravessamos o vale de Amilpas, no Estado de Morelos, por um caminho de



Mons. Josemaría Escrivá fala a um grupo de camponesas da Granja-Escola de Montefalco, em junho de 1970.



Vista de Montefalco (Jonatepec, Estado de Morelos, México) em 1967.

terra batida. Acompanhavam-me vários sócios do Opus Dei que, durante o trajeto, comentavam com entusiasmo a proposta de uma Associação Civil, "Campo e Esporte", A. C., proprietária da fazenda, para que o Opus Dei se encarregasse de dirigir esse empreendimento apostólico, bem como o interesse de Mons. Escrivá em aceitar a incumbência.

Ao chegar a Montefalco, fiquei com uma impressão terrível: paredes derruídas, pedras calcinadas..., e tudo de umas dimensões desconhecidas. Em pé, destacava-se uma igreja que me pareceu do tamanho de uma catedral.

— Mas como é possível que queiram aceitar isto? Se são ruínas!, foi o meu primeiro comentário.

Responderam-me com uma frase do Fundador do Opus Dei que então não cheguei a compreender em toda a sua amplitude: **Sonhai e ficareis aquém.**

\* \* \*

O arquiteto mexicano — agora sócio do Opus Dei — que escreveu essas linhas não esqueceu a frase nem a fé com que foi pronunciada: agora pode verificar com seus próprios olhos que o sonho ficou aquém da realidade.

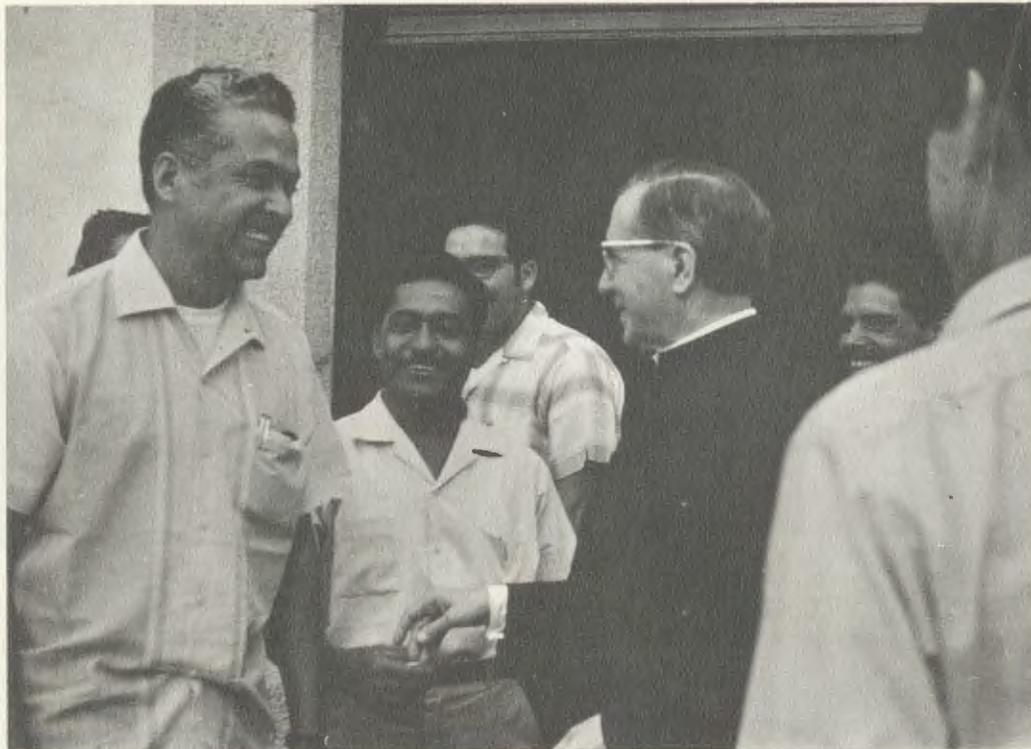
**Sem um centavo, com o trabalho de tantos filhos meus que tiveram de**

**lutar e sofrer, com o carinho e a generosidade de muitas pessoas** — são palavras de Mons. Escrivá —, teve início em 1958, e prosseguiu ao longo dos anos, a reconstrução da fazenda. Organizou-se imediatamente o Centro Agropecuário Experimental El Peñón, destinado à capacitação agrícola dos camponeses; e em 1959 começaram os cursos.

Nessa mesma época, as associadas do Opus Dei iniciaram também, noutra zona da fazenda, separada e independente, as atividades da Granja-Escola de Montefalco, destinadas a beneficiar as mulheres do campo.

Passou o tempo e o trabalho foi-se ampliando: em cada ano escolar, muitas centenas de rapazes passaram a matricular-se nos cursos de capacitação — de três anos — do Centro Agropecuário, e nos dois anos de ensino secundário. Sob a orientação dos professores, os antigos alunos organizaram cooperativas de produção avícola e suína, de elaboração de rações para animais; e, para a comercialização desses produtos, promoveram iniciativas que têm hoje uma vida florescente.

Ao mesmo tempo, irradiando de Montefalco, realiza-se, por meio de círculos e clubes juvenis, uma ampla tarefa de extensão cultural e de formação cris-



4 de junho de 1970. Mons. Josemaría Escrivá no Centro Agropecuário El Peñón.

tã, que atinge quinze povoados do vale de Amilpas.

Por sua vez, a Granja-Escola ocupou-se das jovens camponesas: nela se ministram cursos de formação para o lar; e por suas salas de aula tem passado também a maior parte das moças da região e de outros lugares. Nos cursos de Tele-secundário, a par dos conhecimentos culturais de base, têm aprendido meios e sistemas para administrar e aproveitar melhor os recursos familiares, além de receberem uma sólida preparação cristã.

Ao longo do ano, pessoas das mais diversas idades e condições, procedentes de muitos lugares do país, participam em convivências de estudo e de formação espiritual, numa zona da fazenda acondicionada para esse fim.

Em junho de 1970, Mons. Escrivá passou três dias em Montefalco. Falou com os sócios do Opus Dei, conversou largamente com os camponeses das redondezas e recebeu pessoas que foram vê-lo de muito longe. Suas palavras fica-

rão como incentivo constante para esta realização e para muitas outras do mesmo gênero que se levam a cabo em todo o mundo.

Mons. Escrivá percorreu naqueles dias as zonas da fazenda ainda não reconstruídas e, com palavras cheias de bom humor, dirigiu uma repreensão carinhosa, que era ao mesmo tempo o melhor elogio, aos que deram início a Montefalco:

**Montefalco é uma loucura de amor de Deus. Costumo dizer que a pedagogia do Opus Dei se resume em duas afirmações: agir com senso comum e agir com senso sobrenatural. Nesta casa, o pe. Pedro (o primeiro Diretor do Opus Dei no México) e minhas filhas e meus filhos mexicanos não agiram senão com senso sobrenatural. Receber com alegria um montão de ruínas, maiores do que o Palácio de Versalhes, é humanamente absurdo. . . Mas pensastes nas almas e tornastes realidade uma maravilha de amor. Deus vos abençoe.**

## Escrevem-nos

### NÃO MANIFESTOU NENHUM INTERESSE

Levei uma Folha Informativa a uma senhora que estava com câncer e que não era praticante há muitos anos. Quando viu na capa um sacerdote, não mostrou nenhum interesse. Um dia, num momento de intensas dores, soergueu-se buscando uma posição que lhe desse algum alívio. A seu lado estava a Folha Informativa. Olhou para a fotografia da capa e disse: "Tenho certeza de que me podes ajudar". Assim começou a rezar e, em pouco tempo, desapareceram as dores. Desde esse momento, passou a interessar-se por aquele sacerdote e leu alguns de seus escritos.

Como já fazia muitos anos que não recebia os sacramentos, perguntei-lhe se queria confessar-se, mas respondeu-me que não via necessidade disso. Conhecendo a gravidade da sua doença, continuei encomendando-a a Monsenhor Escrivá, para que recebesse o Sacramento da Penitência antes de morrer.

Poucos dias depois, foi internada no hospital. Ao visitá-la, achei-a mais contente e serena. Disse-me que tinha uma grande notícia para me dar: naquela manhã, um sacerdote havia passado por aquela zona, e a primeira coisa que ela lhe perguntou, ao vê-lo entrar, foi quem o tinha enviado. O sacerdote respondeu-lhe que ninguém, que simplesmente passava por ali. A doente confessou-se, comungou e recebeu a Unção dos enfermos.

Poucos dias depois morreu.

X.X., de Sidney (Austrália)

### NÃO PODIA MORRER SEM CONFISSÃO

Havia mais de vinte anos que meu tio não se confessava. Tinha problemas familiares muito graves, que o levaram ao desespero, e envenenou-se.

Assim que soube, comecei a pedir a Monsenhor Escrivá que meu tio se confessasse. O veneno destruiu todo o organismo por dentro, e os médicos diziam que não compreendiam como podia continuar vivo. Eu, sim, compreendia: não podia morrer sem antes se confessar.

Resistiu quatro dias, até que chegou o momento em que me pediu um sacerdote. Chamei-o imediatamente. Confessou-se, recebeu a Unção dos enfermos e morreu duas horas depois.

F.L.R., de Guadalajara, Jal. (México)

### QUIS BATIZAR-SE

Meu marido, que não era católico, teve uma trombose cerebral, que lhe paralisou o lado esquerdo do corpo. Por aqueles dias chegou-me a Folha Informativa e, animada pelos favores que nela se mencionavam, comecei a pedir a intercessão de Monsenhor Escrivá.

Meu marido aprendeu a recitar a Ave-Maria, que rezou muitas vezes, sobretudo durante as noites de insônia; e também rezou outras jaculatórias, que repetia comigo. Eu estava muito surpreendida, porque até então ele não acreditava em Deus; e, anos atrás, alguns sacerdotes tinham tentado aproximá-lo da fé, mas sem resultado.

A doença teve uma evolução favorável e, depois de lhe darem alta, meu marido continuou a rezar, e com frequência era visto com a estampa de Mons. Josemaría Escrivá na mão. Conteí-o ao pároco, que me aconselhou a perguntar-lhe se não estaria disposto a receber o Batismo. Durante dois dias estive vacilando, com medo de que se negasse. Rezei muito. Por fim, perguntei-lhe e a resposta foi imediata: “Sim, quero batizar-me”. Para mim, foi muito emocionante.

S. K., de Kioto (Japão)

### A MENOS DE UMA HORA DA MORTE

No último dia 23 de dezembro, meu irmão internava-se no hospital gravemente doente, com um sério ataque de malária maligna. Acabava de voltar da África. Naquela mesma noite me telefonou minha mãe, e comecei a recorrer a Monsenhor Escrivá.

Fui vê-lo na noite de Natal e achei-o muito mal: não me via e penso que nem me ouvia. Na Missa da meia-noite rezei por ele, e minha mãe também rezava a oração para a devoção privada ao Padre.

Só voltei a vê-lo no dia 27; achei-o fraco, mas muito melhor. No dia 30, havia desaparecido já toda a incoerência, e até se sentava na cama e falava normalmente. Surpreendeu-me a rapidez da recuperação.

Minha mãe contou-me que tinham sofrido muito no dia de Natal e que depois os médicos lhe tinham dito que, durante aquela noite, meu irmão havia estado a menos de uma hora da morte.

S. M., de Londres (Inglaterra)

### ESTAVA SALVO

Alegra-me poder comunicar-lhes que novamente — e são muitas as vezes que sou escutada — não invoquei em vão a ajuda de Mons. Josemaría, Fundador do Opus Dei. Por causa do meu trabalho de parteira, vejo-me às vezes a braços com casos difíceis. Há pouco tempo, estive num parto muito complicado. Quando por fim a criança nasceu, parecia morta. Tentamos imediatamente todos os remédios para mantê-la com vida, mas tudo era inútil. Batizei o menino, enquanto a mãe chorava em altos brados a morte do seu filho. Comecei a invocar o Servo de Deus, Mons. Josemaría, e continuei a fazer a respiração artificial. De repente vi como os pulmões se mexiam um pouco e, algum tempo depois, o menino começava a respirar. Estava salvo! A nossa parteira negra estava perplexa. Disse-lhe: “Pedi ajuda a um sacerdote santo, que morreu há pouco; ele nos ajudou”. Sua reação foi espontânea: “Madre, dê-me uma estampa desse sacerdote para pô-la em minha casa, e que proteja meus cinco filhos”. Sim, nossas zairenses têm muita fé em Deus.

Muito obrigada ao bom Mons. Josemaría, que nos ajudou tão maravilhosamente.

Ir. B. V., de Ubandaka (Zaire)

### PODER TRABALHAR

Há dois anos que venho sofrendo de uma doença na coluna vertebral. Ultimamente as moléstias se acentuaram, convertendo-se em dores bastante agudas,

especialmente na perna esquerda. Submeti-me a um tratamento que não me aliviou. Pela minha profissão de motorista de táxi, tinha que utilizar a perna para dirigir, e chegou um momento em que praticamente não podia mudar as velocidades. Eram tão fortes as dores, que minha mulher e meu filho achavam que devia retirar-me do trabalho, embora fosse a única fonte de sustento da nossa vida.

Em 25 de abril, às duas da tarde, sentia-me tão mal que tive que parar o carro para descansar um pouco. Vi então a Folha Informativa de Monsenhor Escrivá, que alguém me havia dado. Depois de ler várias das graças relatadas, decidi pedir a Monsenhor Escrivá que me curasse. Levantei os olhos e, com grande devoção, disse: “Tu, Padre Escrivá, a quem, segundo leio neste livro, o Todo-Poderoso sempre escuta, por que não Lhe pedes que me tire esta dor da perna para eu poder trabalhar?”.

Então senti uma espécie de câimbra ou formigamento suave que me descia pelo corpo, e mexi a perna e percebi que não me doía. Saí do carro, fazendo todo tipo de movimentos sem notar a menor dor. Fiz várias corridas com o táxi, para acabar de verificar que estava bem. Fui ao médico, e ele aconselhou-me a esperar alguns dias para ter certeza da melhora. Assim o fiz e, como continuo sem dores, o médico disse-me que podia escrever esta carta, como faço agora.

M. CH., de Madrid (Espanha)

### O TERCEIRO FAVOR

O terceiro favor que recebi de Deus por intercessão de Monsenhor Escrivá é o seguinte:

Meu pai teve que deixar o trabalho porque tinha grandes vertigens. O médico nos disse que era preciso hospitalizá-lo porque tinha um tumor cerebral. Depois de uns dias no hospital, transferiram-no para um Instituto neurológico, onde passou por exames médicos até lhe fazerem uma biópsia na região superior das costas, onde pensavam estar a origem do tumor.

Durante este tempo, nós rezávamos ao Fundador do Opus Dei. Meu pai também rezava e abandonava-se à vontade de Deus.

Terminados todos os testes, o neurologista comunicou-nos os resultados: “Não há tumor nem câncer”.

Já fizemos uma novena em ação de graças por nos ter sido concedido tão grande favor. Minha mãe tem distribuído muitas estampas, e todos lhe falam de como está bem escrita a oração e de como os anima. Minhas duas irmãs pequenas nunca querem ir dormir sem antes tê-la recitado.

D. D., de Montreal, P. Q. (Canadá)

### CONTRA TODA A LÓGICA

Na última Quinta-Feira Santa, alguém me contou que uma amiga sua não se confessava havia dois anos, porque lhe parecia não ser necessário: achava suficiente pedir perdão a Deus interiormente. Dizia-me que comungava nessa situação e que não havia maneira de convencê-la a mudar de critério.

Eu lhe pedi que insistisse mais uma vez, e, entretanto, pus-me a encomendá-la a Monsenhor Escrivá. Disse-lhe que ele, que havia amado tanto a Eucaristia, não

podia permitir aquela ofensa ao Senhor, e que a Quinta-Feira Santa seria o dia ideal para ensiná-la a tratar bem a Deus no Santo Sacramento.

Contra toda a lógica humana, vi que essa pessoa se aproximava do confessor disposta a mudar de conduta.

**A. R., de Paris (França)**

Recebi um telefonema de minha irmã, que chorava de desespero por causa da sua situação familiar, que era muito crítica. Decidimos recorrer a Mons. Escrivá, para que concedesse a paz a esta família. Passados três dias, a situação estava resolvida e agora vivem em perfeita harmonia.

**X. X., de Roma (Itália)**

Pedi muito a Mons. Escrivá a conversão de uma pessoa que havia perdido a fé lendo livros errôneos. Poucos dias depois, essa pessoa fez um retiro espiritual e converteu-se.

**J. M. G., de Washington (USA)**

Por intercessão de Mons. Escrivá, meu sogro morreu tendo comungado semanalmente, depois de ter estado sessenta anos afastado da Igreja, sem receber os Sacramentos.

A notícia de que ele recebera os Santos Sacramentos chegou-nos a 9 de janeiro, data do aniversário de Mons. Escrivá, depois de a carta se ter extraviado e ter demorado três meses a chegar da Califórnia a La Paz.

**V. de W., de La Paz (Bolívia)**

Tenho dois sobrinhos gêmeos, de cinco anos, que o pai não deixava batizar porque tinha idéias errôneas e dizia que só seriam batizados quando eles próprios o pedissem. Não havia quem o fizesse mudar de idéia.

Comecei a pedir a Mons. Escrivá e a rezar a oração para que se batizassem; não passou muito tempo, e me telefonaram dizendo que os vão batizar nesta semana.

**L. D., de Quito (Equador)**

Segundo diz a nota da estampa de Monsenhor Escrivá, escrevo para informar que tenho recebido muitos favores mediante a sua intercessão.

O primeiro e o principal é que eu não recebia os sacramentos há sete anos e, depois de rezar a oração da estampa, senti-me capaz de ir confessar-me. Desde então, faço-o com regularidade.

**W. O., de Ibadan (Nigéria)**

Havia já muito tempo que procurava trabalho como professora de grau médio. Nesta situação, recebi uma estampa de Mons. Escrivá e comecei uma novena.

Apesar das dificuldades que havia, consegui trabalho fixo num colégio, precisamente na disciplina mais adequada para mim, e com possibilidade de vir a alcançar um alto nível profissional.

**M. M., de Dublin (Irlanda)**

Uma amiga minha sofria de uma crise renal e tinha que submeter-se a uma operação cirúrgica arriscada. Dei-lhe uma estampa de Mons. Escrivá, e recomendei-lhe que pedisse a Deus que, por sua intercessão, se evitasse a operação. Quando fui visitá-la no dia seguinte, encontrei-a muito contente: havia expelido o cálculo renal espontaneamente, naquela mesma manhã, depois de ter rezado com muita fé a oração para a devoção privada ao Fundador do Opus Dei.

**M. H. S. L., R. de São José dos Campos (Brasil)**

Um dia percebi que o mal estava feito: um de meus filhos estava-se afastando da fé e de nós. Certas amizades tinham-no levado insensivelmente a abraçar os ensinamentos de determinada seita. Meu marido e eu estávamos assombrados, e sentíamos a dor profunda de ver que algo de importante e vital nos havia escapado no nosso relacionamento com aquele menino.

Nesta situação, fizemos uma novena a Mons. Escrivá, e o Senhor quis ouvir as súplicas de uma mãe: apenas duas semanas após terminar a novena, meu filho procurou um sacerdote, confessou-se com ele e comungou. Tinha passado quase três anos sem receber os sacramentos.

**G. T. C., de Manila (Filipinas)**

Um dia, um filho meu de dez anos acordou com febre e começou a ter convulsões. Levamo-lo a um posto de saúde e dali foi transferido para um hospital de Lima. Esteve três dias na sala de emergência, e comunicaram-nos que seu estado era muito grave. Pediram-me então que assinasse uma autorização para fazer-lhe uma análise da medula. Diagnosticou-se uma encefalite. Os médicos disseram-me que não sabiam quando recuperaria a consciência, e nem mesmo se depois ficaria bom.

Eu rezava a Deus por meio de Mons. Escrivá e pedia-lhe que fizesse um milagre, e que meu filho ficasse bom e falasse sem dificuldade.

Assim foi, e estou muito agradecida a Mons. Josemaría Escrivá. O Senhor fez o milagre de que meu filhinho ficasse são e salvo. Ainda continua em tratamento, porque o doutor disse que precisa acompanhá-lo por três anos, mas já se pode dizer que está bom.

**E. M. de S., de San Mateo (Peru)**

Meu segundo filho apanhou uma infecção pulmonar, quando estava sendo submetido a tratamento de outra doença, e ficou às portas da morte. Encomendamos a sua saúde a Nossa Senhora, e rezamos com fé a oração para a devoção privada a Mons. Escrivá. Foi como um milagre: desde esse momento começou a recuperar-se, e o especialista que o trata está admirado com a sua recuperação.

**E. M. - G., de Eiken (Suíça)**

Falei de Mons. Escrivá a uma amiga que tinha o marido num hospital em estado crítico, e combinamos fazer uma novena. Ao cabo de poucos dias, fui visitá-la, e estava muito contente porque o marido havia melhorado muito.

O doente pôde voltar para casa precisamente no último dia da novena.

**I. M. de S. A., de Lisboa (Portugal)**

Devido a uma mudança precipitada de trabalho, fiquei sem emprego. Pedi então a Mons. Escrivá que me ajudasse e, poucas semanas depois, apesar da péssima situação do mercado de trabalho, encontrei o emprego adequado.

**J. G., de Essen (Alemanha)**

Agradecemos as numerosíssimas cartas que nos chegam. São um testemunho da devoção privada com que tantas pessoas, em todo o mundo, rezam a Deus Nosso Senhor, tomando por intercessor Mons. Escrivá de Balaguer. Aqui reproduzimos somente, por exigência de espaço, trechos de algumas delas, que relatam acontecimentos importantes ou episódios singelos.

Também agradecemos — ante a impossibilidade de fazê-lo nominalmente — as esmolas que nos enviam para colaborar nas despesas de edição e distribuição desta Folha Informativa, e para ajudar a desenvolver as obras apostólicas promovidas sob o impulso do amor às almas de Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer.

## Obras publicadas de Mons. Escrivá de Balaguer

### Caminho

“Monsenhor Escrivá de Balaguer escreveu algo mais do que uma obra prima: escreveu inspirando-se no seu próprio coração, e é também diretamente ao coração que chegam os breves parágrafos que, como versos soltos, mas completos, formam CAMINHO . . . , em que não aparece a rigidez desconfiada de um “código”, mas, pelo contrário, a fraterna e ardente indulgência do Autor, a paterna solicitude com que vê, compreende, corrige, persuadindo e não ameaçando” (De “L'Osservatore Romano”, 24-III-1950).

A primeira edição deste livro saiu em fevereiro de 1934 (Cuenca, Imprensa Moderna), sob o título de **Considerações Espirituais**. Desde então, as edições foram-se multiplicando rapidamente, alcançando um total de 152 edições, em 34 línguas e 2.775.650 exemplares.

### Santo Rosário

Livro de meditação sobre cada um dos 15 mistérios da vida de Cristo e da Virgem que se contemplam ao rezar o Santo Rosário.

A primeira edição foi publicada também em 1934. Desde então, apareceram 46 edições em onze línguas, e 252.100 exemplares.

### Questões atuais do Cristianismo

Várias revistas e jornais dirigiram perguntas concretas a Mons. Escrivá de Balaguer, tocando os temas de maior importância para os seus leitores. Mons. Escrivá de Balaguer respondeu por escrito e exaustivamente às perguntas que lhe fizeram. Neste livro reúne-se o texto completo dessas entrevistas.

A primeira edição foi publicada em 1968. Desde essa data, foram publicadas 29 edições em sete línguas, e 241.730 exemplares.

### É Cristo que passa

O livro reúne algumas das muitas homilias pronunciadas por Mons. Escrivá de Balaguer ao longo de sua vida. Constituem uma profunda e sugestiva exposição da doutrina e da vida cristãs. Na forma fundem-se a profundidade teológica e a clareza de exposição.

A primeira edição deste livro é de março de 1973. Desde então apareceram 33 edições em oito línguas, e 234.900 exemplares.

### Amigos de Deus

Coletânea de outras 18 homilias, nas quais o autor toma as virtudes cristãs como fio condutor do seu colóquio amistoso com Deus. O livro, vazado no mesmo estilo íntimo e direto do outro tomo de homilias, foi publicado em 1977 e alcançou já 7 edições em vários idiomas.

O volume tem um prólogo do Revmo. Dr. Álvaro del Portillo, atual Presidente Geral do Opus Dei.

### La Abadesa de las Huelgas

Estudo teológico-jurídico. Uma investigação penetrante — realizada a partir das fontes e documentos originais — sobre um caso extraordinário de jurisdição quase-episcopal por parte da abadessa do famoso mosteiro de Burgos.

A primeira edição foi publicada em 1944. A segunda data de 1974.

(Pedidos às livrarias)

## ORAÇÃO

para a devoção privada

*Ó Deus, que concedestes inumeráveis graças ao vosso servo Josemaría, sacerdote, escolhendo-o como instrumento fidelíssimo para fundar o Opus Dei, caminho de santificação no trabalho profissional e no cumprimento dos deveres cotidianos do cristão, fazei que eu saiba também converter todos os momentos e circunstâncias da minha vida em ocasião de Vos amar, e de servir com alegria e com simplicidade a Igreja, o Romano Pontífice e as almas, iluminando os caminhos da terra com o resplendor da fé e do amor. Dignai-Vos glorificar o vosso servo Josemaría, e concedei-me por sua intercessão o favor que Vos peço... (peça-se). Assim seja.*

Pai Nosso, Ave-Maria, Glória.

Em conformidade com os decretos do Papa Urbano VIII, declaramos que com esta **Folha informativa** em nada se pretende prevenir o juízo da Autoridade eclesiástica, e que esta oração não tem finalidade alguma de culto público.

Esta **Folha informativa** é distribuída gratuitamente. Os que desejarem contribuir com suas esmólas para as despesas de edição e de envio desta publicação podem remeter esses donativos, por vale postal ou por cheque nominal, à **Vice-Postulação do Opus Dei no Brasil**, Rua João Cachoeira, 1496, CEP 04535, São Paulo, SP.

Agradecemos aos nossos leitores que nos enviem nomes e endereços de pessoas que possam estar interessadas em receber esta **Folha informativa** ou estampas com a oração para a devoção privada.

JUNHO DE 1980